

ABDULLAH ÖCALAN COMO INTELECTUAL ORGÂNICO – UMA LEITURA GRAMSCIANA.

ABDULLAH ÖCALAN AS AN ORGANIC INTELLECTUAL – A GRAMSCIAN APPROACH

Caio Nunes da Cruz¹

Resumo: Neste trabalho, buscamos realizar uma análise do revolucionário curdo Abdullah Öcalan, a partir de um olhar gramsciano, em especial, buscando identificar o revolucionário curdo como um intelectual orgânico. Para isso, acompanhamos a história e desenvolvimento intelectual e militante de Abdullah Öcalan, desde a fundação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão em 1978, na Turquia, seguindo os desenvolvimentos de sua atuação como secretário geral da organização, e as transformações teóricas que realizou após sua prisão em 1999. Após isso, passamos a relacionar as concepções teóricas de Abdullah Öcalan com as noções de Hegemonia e Guerra de Posição, defendidas pelo italiano Antonio Gramsci.

Palavras-chave: Abdullah Öcalan, Antonio Gramsci, Hegemonia, Intelectual Orgânico.

Abstract: In this work, we seek to carry out an analysis of the revolutionary Kurdish Abdullah Öcalan, from a Gramscian perspective, in particular, seeking to identify the Kurdish revolutionary as an organic intellectual. To this end, we follow the history and intellectual and militant development of Abdullah Öcalan, since the founding of the Kurdistan Workers' Party in 1978, in Turkey, following the developments of his performance as general secretary of the organization, and the theoretical transformations he carried out after his prison in 1999. After that, we started to relate the theoretical conceptions of Abdullah Öcalan with the notions of Hegemony and War of Position, defended by the Italian Antonio Gramsci.

Key-words: Abdullah Öcalan, Antonio Gramsci, Hegemony, Organic Intellectual.

Liberdade para Abdullah Öcalan!

¹ Mestrando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UNESP-FFC de Marília. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Ciência Política. Membro dos grupos de pesquisa da CNPQ “Marxismo, Estado, Política e Relações Internacionais” e “Teoria Política do Socialismo”. E-mail: caionunes@riseup.net. https://orcid.org/0000_0003_4941_1057

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2021.v14esp.p117-134>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO

Em 15 de Fevereiro de 2020 completaram-se 21 anos do sequestro e aprisionamento do revolucionário curdo Abdullah Öcalan. Nascido na região de Urfa, na Turquia, Abdullah Öcalan é internacionalmente conhecido como fundador e líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), fundado em 1978, na Turquia, com o objetivo de lutar pela independência do povo curdo no oriente médio.

Exilado na Síria, desde o golpe de estado de 1980 na Turquia, Abdullah Öcalan e outros quadros importantes do PKK desenvolveram – sob a proteção de asilo do governo sírio – na região do Vale do Beka, no Líbano, as bases e instituições de suas organizações políticas e militares de guerrilha. O apoio de organizações de libertação nacional da Palestina, como Fatah, FPKP-CG, FPLP e FPLPP, assim como o Partido Comunista do Líbano, foi de importância fundamental para os posteriores anos de luta armada. Já em 1982, o PKK luta junto a essas organizações contra a invasão de Israel ao Líbano.

Em 1984, o PKK, seguindo a resolução de seu II Congresso, inicia uma guerra popular prolongada contra o Estado Turco, um conflito que dura até os dias de hoje, e que entre alguns momentos de cessar-fogo unilaterais por parte dos curdos, resultou na morte de mais de 30 mil pessoas. Considerados pelo Estado Turco como organização terrorista, Abdullah Öcalan foi alçado ao posto de principal inimigo público.

Em 1998, o presidente sírio, Hafez al-Assad, pressionado pelas ameaças do governo turco de redirecionar as fontes hídricas do Tigre-Eufrates, possibilitando uma crise hídrica no país, decide retirar o asilo político de Abdullah Öcalan. Em busca de novo asilo político, ele passará por vários países, como: Grécia, Rússia, Itália, nunca conseguindo um asilo em definitivo e rapidamente sendo considerado pelos governos como uma ameaça em potencial ou, até mesmo, um recurso político para negociações.

A epopeia de Abdullah Öcalan terminaria no Quênia, enquanto aguardava os passaportes fornecidos pelo governo grego para seu ingresso na Europa, ele foi literalmente sequestrado na embaixada da Grécia, e transportado de volta a Turquia. A operação reuniu a colaboração internacional dos governos da Turquia, Israel e Grécia, coordenados por suas respectivas inteligências sob o comando dos EUA. A própria ordem da operação de sequestro, ou como ficou conhecida no movimento de libertação curdo, “conspiração internacional”, foi assinada pelo presidente estadunidense Bill Clinton. (ÖCALAN, 2011)

Preso, Abdullah Öcalan foi levado à ilha prisão de Imrali, no mar da Marmará, onde foi julgado por “traição a pátria” e condenado à morte. Com a cobertura internacional sobre sua prisão e os diversos movimentos populares protestando por sua

libertação no oriente médio e na diáspora curda na Europa, o governo turco, também buscando-se adequar as condições necessárias para sua aceitação na União Europeia, converte sua sentença de morte em prisão perpétua.

A partir de 1999, Abdullah Öcalan aprofundou um movimento, iniciado nos primeiros anos da década de 1990, que se aprofundou na prisão, um reexame das bases teóricas e estratégicas do Movimento de Libertação Curdo, tentando compreender melhor as debilidades que o levaram diretamente ao cárcere. Esse processo de autocrítica ficou conhecido como “mudança de paradigma”, uma reorientação teórica e prática que resultou em mudanças radicais na tática e estratégia do Partido dos Trabalhadores do Curdistão e demais organizações do Movimento de Libertação Curdo. Abdullah Öcalan, a partir de seus escritos de prisão, deu início a um dos movimentos teóricos mais ricos produzidos no campo do socialismo na contemporaneidade, nesses 21 anos de cárcere, escreveu mais de 10 livros, que se tornaram documentos importantes para o Movimento de Libertação Curdo, mas que também ultrapassaram as fronteiras do Oriente Médio.

Mesmo com seus escritos – em especial seus escritos a partir de 1999 – tendo alcançado um público global, com seus livros sendo traduzidos para diversas línguas, e publicados por importantes editoras radicais (PM Press, AK Press, Pluto Press), é interessante perceber que suas ideias acabam circulando mais entre os movimentos sociais, do que na academia.

O esforço de engajamento com a obra teórica produzida por Öcalan no cárcere encontrou mais interlocutores em movimentos sociais dos mais variados tipos (movimentos sociais urbanos, organizações sindicalistas e de libertação nacional, etc...), do que em pesquisadores das ciências sociais no ocidente. Segundo David Graeber, essa situação é rapidamente demonstrada em uma simples busca em um dos principais indexadores acadêmicos do mundo:

Se você pesquisar o nome de Öcalan no JSTOR, o mais lido compêndio de artigos acadêmicos em inglês, encontrará imediatamente 448 resultados; se você os percorrer, no entanto, descobrirá que nenhum deles é dedicado a suas ideias: quase todos eles são sobre a história do Partiya Karkerên Kurdistanê (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), a política da Turquia, a questão do terrorismo, e as questões jurídicas levantadas por sua prisão e julgamento.²(GRAEBER, 2019, p. 168, tradução nossa).

Para Graeber, é notável que os resultados demonstrem que Abdullah Öcalan é tratado mais como um objeto de estudo e menos como um interlocutor teórico, ele é

²“If you search Öcalan’s name on JSTOR, the most widely read compendium of academic articles in English, you will immediately turn up 448 hits; if you pick your way through them, however, you will discover that not a single one of them is primarily addressed to his ideas: almost all of them are about the history of the Partiya Karkerên Kurdistanê (PKK: Kurdistan Workers’ Party), Turkish politics, the question of terrorism, and legal questions raised by his imprisonment and trial”.

visto sob muitas faces, a principal, “terrorista”, e logo, há a suposição de que não pode haver contribuições teóricas relevantes vindas de tal pessoa. Mesmo quando ele é tratado como objeto de estudo, raramente há estudos se dedicando sobre suas concepções teóricas, procurando compreender os diversos conceitos e categorias presentes em sua obra, e que se tornaram centrais para o vocabulário político do Movimento de Libertação Curdo: “O mesmo pode ser dito de seus principais conceitos políticos, como “confederalismo democrático (mencionado em 1 de 448), “modernidade democrática” (0 de 448), “Jinealogia” (0 de 448).”³ (GRAEBER, 2019, p. 168, tradução nossa).

O “silêncio” em torno da obra de Abdullah Öcalan na academia revela, entretanto, alguns pontos interessantes para a reflexão, para Graeber, não só existem dificuldades para disciplinar a obra teórica de Öcalan, visto que ela não se adéqua a nenhuma em especial, tamanha a variedade de suas reflexões (Da história do Oriente Médio a Física Quântica), mas em especial, os acadêmicos simplesmente não sabem o que fazer com ela. Graeber nos lembra de que o pensamento mais original do século passado emergiu, majoritariamente, fora das universidades, e que na atual configuração das academias, perspectivas ligadas diretamente a processos de transformação social, são de algumas maneiras incompreendidas em sua vitalidade, muito em vista da própria concepção de intelectual que emerge nessa configuração – acadêmicos que não se engajam na vida política, porque literalmente não tem tempo para isso. (GRAEBER, 2019).

Para Graeber, esse incomodo com a obra de Öcalan esta diretamente relacionado as condições de produção radicalmente opostas que existem entre o que se produz na academia, e o que foi produzido por Abdullah Öcalan no carcere. A obra de Öcalan deve ser entendida, como proposta por Graeber, como uma totalidade, e que a produção dessas reflexões esta diretamente ligada à luta política de Abdullah Öcalan: a luta por autodeterminação do povo curdo e a superação da civilização capitalista. Os escritos de Öcalan devem ser entendidos como a unidade entre teoria e prática, uma forma de ação direta, capaz de oferecer possibilidades de transformações reais no mundo.

A trajetória política de Öcalan, diversamente oposta a qualquer produção nos marcos acadêmico, o permitiu sempre realizar um processo de autocritica sobre sua produção, sem nunca perder sofisticação teórica. Para Graeber: “é difícil encontrar outro teórico dos últimos 50 anos que se apropriou de ideias filosóficas e científicas e as adaptou de tal maneira que ele tem sido capaz de inspirar milhões de pessoas a tentar se relacionarem um ao outro de maneira diferente.”⁴ (2019, p. 171-172, tradução nossa).

³ “The same can be said of his key political concepts, such as “democratic confederalism” (mentioned in 1 of 448), “democratic modernity” (0 of 448), “jineology” (0 of 448).”

⁴ “It’s hard to find another theorist of the last fifty years who has taken philosophical and social scientific ideas and adapted them in such a way that he’s been able to inspire millions of people to try to treat one another differently.”

Existem claro, exceções. Um dos eventos mais importantes na atualidade, dedicado a reunir intelectuais, militantes, estudantes, em torno dos debates do Movimento de Libertação Curdo e da obra de Abdullah Öcalan, tem sido as conferências “*Challenging Capitalist Modernity*”. Essas conferências foram realizadas nos anos de 2012, 2015 e 2017 na Alemanha, na Universidade de Hamburg, e reuniram importantes nomes das ciências sociais no ocidente, como Antonio Negri, Immanuel Wallerstein, David Harvey, David Graeber. Também importantes nomes além dos já citados introduziram ou prefaciaram edições em inglês dos livros de Öcalan, como John Holloway e Andrej Grubačić.

Nos seus escritos de prisão, no processo que ficou conhecido como “mudança de paradigma”, podemos perceber que Abdullah Öcalan se afastou das concepções teóricas que defendia anteriormente, de maneira geral, concepções teóricas e práticas vinculadas ao marxismo. Já em 1999, Abdullah Öcalan busca se afastar da noção estratégica maoista de “Guerra Popular Prolongada”, que orientava desde 1984, a ação revolucionária do PKK. Öcalan de 1999 até 2002 defendeu em seus escritos de prisão, a noção de “transformação democrática”, abandonando assim o ideal independentista, de criação de um Estado-Nação para os Curdos, e adota a perspectiva de transformação democrática da República da Turquia, visando retirar o PKK da ilegalidade e o fim dos conflitos armados, e se dedicou a realizar um processo de democracia radical na sociedade civil na Turquia, possibilitando a construção de uma “República Democrática”.

A partir de 2002, essas concepções foram novamente transformadas e radicalizadas, em especial pela influência do contato com as obras do anarquista norte americano Murray Bookchin, o que levou a conformação de um novo “paradigma” para o Movimento de Libertação Curdo: O Confederalismo Democrático, buscando através do controle democrático das municipalidades, constituir uma confederação transnacional no Oriente Médio.

Ainda que a influência de Murray Bookchin apareça como fundamental para a construção do novo paradigma, em especial nas concepções táticas e estratégicas, Abdullah Öcalan irá se dedicar a ler e dialogar com inúmeros autores, tais como Immanuel Wallerstein, Andre Gunder Frunk, Michel Foucault, Walter Benjamin, entre muitos outros.

UM OLHAR GRAMSCIANO SOBRE ÖCALAN

Seguindo as orientações de David Graeber, iremos explorar nesse trabalho, alguns aspectos da obra teórica de Öcalan, e num exercício comparativo, buscaremos encontrar semelhanças e diferenças entre o revolucionário curdo, e o revolucionário sardo, Antônio Gramsci. A sugestão de que podemos traçar comparativos entre os dois

revolucionários, ainda que esparsas ao longo dos escritos de Öcalan, são bem enfáticas quanto à existência dessa conexão, nas palavras do próprio autor: “Minhas opiniões em relação ao Estado e a hegemonia são paralelos as de (Antonio) Gramsci” ⁵(ÖCALAN, 2010), “na verdade, existem notáveis similaridades entre Gramsci e eu.” ⁶ (ÖCALAN, Apud ÇIÇEK, 2020).

Essas sugestões de possibilidades de comparação entre Abdullah Öcalan e Gramsci não passaram despercebidas, e produziram, ainda que poucos, interessantes trabalhos (BAR-ON, 2015; ÜSTÜNDAĞ, 2016; ÇIÇEK, 2018, ÇIÇEK, 2020), sendo que talvez o mais substancial seja o discurso de Tamir Bar-On “*From Marxism and nationalism to radical democracy: Abdullah Öcalan’s synthesis for the 21st century*”, proferido na conferência “*Challenging Capitalist Modernity II*”, de 2015. Esses trabalhos, entretanto, não estão livres de problemas, e mais adiante em nossa exposição apresentaremos melhor suas argumentações e lidaremos com eles.

Parece-nos fundamental, para iniciarmos esse exercício teórico, aprofundarmos o debate sobre a forma como compreendemos Abdullah Öcalan e sua produção teórica, em especial seus escritos de prisão. Nesse sentido, é fundamental para além das já referidas considerações de David Graeber, compreendermos Abdullah Öcalan como um intelectual, e nas proposições de Antonio Gramsci, como um intelectual orgânico.

Antonio Gramsci (1891-1937), revolucionário Italiano, nasceu na região da Sardenha, uma região pobre e marginalizada pelo resto da Itália. Em 1911 se muda para Turim, na qual irá se envolver com os movimentos de trabalhadores, em 1914 ingressa no Partido Socialista Italiano, e se desenvolveu como militante. Em 1917, sob a influência da Revolução Russa, e observando a atuação política da classe trabalhadora em Turim, Gramsci percebe a necessidade de avançar em direção a uma nova perspectiva, mais radical que a existente no PSI.

Em 1919, funda o *L’Ordine Nuovo*, uma importante revista de cultura socialista, que irá, na conjuntura do processo do *Biennio rosso (1919-1920)*, os anos vermelhos – onde os trabalhadores italianos, após a guerra, se lançaram em uma série de greves gerais e criaram conselhos de trabalhadores nas fábricas, e promoveram insurreições nos campos – exercer uma grande influência sobre o movimento socialista. Após a derrota dos trabalhadores, e a clara colaboração do PSI e das organizações sindicalistas sociais democratas que reprimiram os conselhos de trabalhadores, Gramsci irá romper com o PSI e ser um dos fundadores em 1921 do Partido Comunista da Itália (PCI).

Em 1926, Gramsci, que já era secretário geral do PCI desde 1924, além de ter conseguido se eleger naquele mesmo ano como deputado da região de Veneto,

⁵ “My views regarding the state and hegemony are parallel to those of (Antonio) Gramsci”.

⁶ “in fact, there are remarkable similarities between Gramsci and I”.

foi preso pelo fascismo. Condenado a 20 anos de prisão, Gramsci ficou encarcerado até 1934, quando recebeu a liberdade condicional, devido a sua saúde extremamente debilitada. No período em que esteve no cárcere, Gramsci produziu, entre 1929 e 1935, os chamados Cadernos do Cárcere, 32 pequenos cadernos, totalizando mais de 2000 páginas contendo reflexões do autor. Os cadernos contêm contribuições teóricas que até hoje nos ajudam a pensar o mundo moderno.

No Quarto Caderno, Gramsci sistematiza o debate sobre os intelectuais. Buscando compreender se os intelectuais constituem um grupo social autônomo ou se ao contrário cada grupo social produz seus próprios quadros intelectuais, e quais os limites dessa própria noção de “intelectual”. Gramsci se dedicou a pensar quais as condições históricas que permitem a emergência desses grupos. Segundo Gramsci, todo grupo social:

por nascer na base originária de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe conferem homogeneidade e consciência da sua função no campo econômico, de modo que “o empresário capitalista cria junto consigo o economista, o cientista da economia política” (GRAMSCI Apud VOZA, 2017, p. 743).

Segundo Gramsci, é preciso que comecemos por uma distinção, existem, majoritariamente dois tipos de intelectuais: tradicionais e orgânicos. Os intelectuais tradicionais estão ligados aos estratos ou grupos de intelectuais que buscam produzir a imagem de uma autonomia relativa, em relação aos grupos dominantes. Intelectuais que existem por si só. Para Gramsci, geralmente esses intelectuais tradicionais são categorias intelectuais preexistentes. Segundo Voza (2017, p. 743) “eles constituem a “categoria tradicional”, percebem com “espírito de corpo” a continuidade de sua condição e qualificação intelectual, a ponto de determinar “a aparência” real de si como grupo social independente.”.

O Intelectual, entretanto, não existe de maneira independente, como vimos, ele é produzido historicamente e vinculado organicamente a um determinado grupo social, a sua vinculação o permite expressar os valores e visões particulares de seu grupo. Segundo Voza (2017, p. 744) “trata-se de saber observar as funções “organizativas” e “conectivas” dos intelectuais, ou seja, as funções que eles desenvolvem, segundo formas a cada vez peculiares e historicamente determinadas”.

Segundo Gramsci, o que torna orgânico a relação dos intelectuais e seus grupos é justamente a mediação com a Sociedade Civil e o Estado, essa relação “é mediada por dois tipos de organização social: a) pela sociedade civil, isto é, pelo conjunto de organizações privadas da sociedade, b) pelo Estado”. (GRAMSCI APUD VOZA, 2017, p. 744). Na busca dessas mediações, Gramsci atenta ao papel do Partido, na “soldagem”

do intelectual ao seu grupo específico, ou seja, em como esses intelectuais são produzidos e expressão organicamente seus grupos de origem, uma determinada visão de mundo da qual compartilham, buscando assim, cumprir seu papel na construção do consenso e do dissenso, em resumo, da hegemonia:

o partido político configura-se como “o mecanismo que cumpre, na sociedade civil, a mesma função que o Estado cumpre, em medida maior, na sociedade política”, ou seja, produz e realiza a “soldagem” entre intelectuais orgânicos de um grupo social e intelectuais tradicionais (VOZA, 2017, p. 745).

Assim, podemos entender os intelectuais orgânicos como importantes sujeitos na luta revolucionária, de acordo com suas conexões políticas e organizativas, e sua capacidade de apresentar uma visão de mundo alternativa, uma ideologia alternativa, que dispute o poder da hegemonia. Abdullah Öcalan, de acordo com as definições gramscianas, deve ser compreendido como um intelectual orgânico, onde toda sua produção esta diretamente vinculada à visão de mundo alternativa do grupo ao qual é em ultima instancia indissociável: O Partido dos Trabalhadores do Curdistão.

Öcalan, em sua juventude, chegou a trilhar os caminhos da academia, sendo estudante de Ciência Política na Universidade de Ankara. O seu desenvolvimento no movimento estudantil a época, e sua primeira experiência como prisioneiro político, o levaram a radicalização de suas ideias, a saída da academia e o ingresso na luta armada. De fato, todo o período preparatório para a formação do PKK, a frente do grupo chamado “Apocuristas” (“Seguidores de Apo”), já revelava a forma como Öcalan estava organicamente desenvolvendo a sua função de intelectual.

Com a fundação do PKK em 1978, assumirá a função de secretário geral do partido, função que só irá deixar com sua prisão em 1999, o que, entretanto, não impediu de continuar suas responsabilidades enquanto líder, e em seus escritos de prisão, é somente dentro desse quadro maior, que podemos ter a real compreensão de seu pensamento e entender como, preso, Öcalan influenciou de maneira decisiva os caminhos adotados pelo Movimento de Libertação Curdo.

HEGEMONIA E GUERRA DE POSIÇÃO

Passemos agora a entender melhor um pouco das similaridades com Gramsci, apontadas pelo próprio Öcalan, em relação aos conceitos de Hegemonia e Estado. Como vimos à conceituação de intelectual orgânico em Gramsci esta diretamente vinculada a disputa pela hegemonia. Segundo Gramsci, a noção de hegemonia é mais complexa do que o simples significado de dominação, para ele, a hegemonia deve ser entendido como a união entre a dominação e o consenso, expressão do próprio desenvolvimento

da sociedade civil e da sociedade política, em especial, no Ocidente, onde as estruturas do Estado se tornaram mais complexas. A hegemonia, então, só foi capaz de se realizar pela classe dominante, criando uma ideologia que também produzisse o consenso na mente das classes subalternas dominadas. Segundo Sader:

Quando as classes dominantes passam a se apoiar, em grande medida, na capacidade de difundir sua ideologia e fazer com que ela seja assumida pelas próprias classes dominadas e exploradas – ou por parte delas – consegue impor sua hegemonia sobre o conjunto da sociedade, o que dá uma base mais sólida ao seu poder (2005, p. 8).

A noção de hegemonia em Gramsci carrega essa característica de totalidade, onde os mecanismos de exercício do poder são mais complexos, pois envolvem o próprio convencimento da legitimidade de seu poder sobre os subalternos. Abdullah Öcalan trata desse mesmo processo com o conceito de “ideologia hegemônica”:

A modernidade Capitalista continuamente legitima a si própria por meio da ideologia hegemônica que estabelece sobre a ciência, filosofia e arte. Ao instrumentalizar esses campos fundamentais do pensamento e os esvaziar de seu conteúdo, aprofunda a destruição da sociedade⁷ (2016, p. 8, tradução nossa).

Podemos perceber a centralidade que a ideologia hegemônica assume ao instrumentalizar os diversos campos ideológicos da sociedade. Segundo Meral Çiçek (2020, tradução nossa): “Öcalan então analisa as conexões sistêmicas e históricas entre poder e a ideologia hegemônica. Ele até mesmo atribui um maior peso a ideologia hegemônica”⁸.

A centralidade dessa análise faz com que, segundo Abdullah Öcalan, seja necessária uma reorientação da estratégia revolucionária para o Movimento de Libertação Curdo. Nesse sentido, Bar-On, argumenta que Abdullah Öcalan passa a dar um peso maior à luta ideológica, que deverá ser travada no terreno da sociedade civil:

Ele também é, como Gramsci, um proponente da importância da conquista da sociedade civil porque esta é onde a atividade revolucionária deve ser direcionada no mundo contemporâneo. Para Öcalan, a sociedade civil “compreende a ferramenta das possibilidades democráticas - que abre a porta para desenvolvimentos até então impossíveis.” (Öcalan, 2007, p. 227). É por meio do terreno da cultura, incluindo a mídia, internet, sistema educacional e a consciência popular, que Öcalan espera levar o povo Curdo a sua “terra prometida” de libertação de uma maneira que era impossível alcançar por meio da luta armada⁹ (BAR-ON, 2015, p. 3, tradução nossa).

⁷“Capitalist modernity continuously legitimises itself through the ideological hegemony it establishes over science, philosophy and the arts. By instrumentalising these fundamental fields of thought and draining them of their content, it deepens its destruction of society.”

⁸“Öcalan thus analyses the systemic and historical connection between power and ideological hegemony. He even attaches greater weight to ideological hegemony.”

⁹“He is also, like Gramsci, a proponent of the importance of the conquest of civil society because this is where revolutionary activity should

Assim, segundo Bar-On, podemos compreender que Abdullah Öcalan, a partir de sua prisão, abandona a estratégia da guerra popular prolongada, desenvolvida através dos conflitos armados com o Estado da Turquia, e adota a concepção gramsciana de Guerra de Posição.

Para Gramsci, existem de maneira geral, três concepções ou formas de guerra, a guerra de movimento ou de manobra, a guerra de posição e a guerra de guerrilha. Pela complexidade que o Estado assumiu no Ocidente, em especial após a primeira guerra mundial, Gramsci entendia que as formas da guerra de movimento e de guerrilha não seriam adequadas para um processo revolucionário capaz de realizar uma nova hegemonia. Assim, a Guerra de Posição passa a ser, segundo Gramsci, a concepção mais adequada à luta revolucionária no Ocidente.

Seguindo os indícios deixados por Lenin a respeito da relação entre hegemonia e guerra de posição, Gramsci irá defender que a construção de uma nova hegemonia, uma nova visão de mundo por parte dos subalternos, deve se realizar na esfera da sociedade civil. Segundo Ciccarelli (2017, p. 629):

No parecer de G., é a sociedade civil (parte do “Estado integral”) a constituir o terreno de choque político-militar no qual as classes põem em ato as respectivas relações de força. O objetivo desse choque é a construção, ou transformação, de “um aparelho hegemônico, que, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento”.

Em comparação as demais formas, a guerra de posição requer uma mobilização constante e organizada nos períodos de relativa paz, e que demanda “enormes sacrifícios às massas intermináveis da população” (GRAMSCI, 2005, p. 122). O alto custo em vidas necessita de uma firme direção política, capaz de assegurar a vitória e impedir uma possível fratura da hegemonia:

é necessária uma concentração inaudita de hegemonia e uma forma de governo mais ‘intervencionista’, que assuma abertamente a ofensiva contra os oponentes e organize permanente a ‘impossibilidade’ de desagregação interna: controles de todo gênero, político, administrativo, etc, reforçamento das ‘posições’ hegemônicas do grupo dominante, etc... (GRAMSCI, 2005, p. 122).

As posições estratégicas adotadas por Abdullah Öcalan, como secretário geral do PKK, já a partir do início da década de 1990, dão indícios da referida mudança de uma guerra de movimento para uma guerra de posição. Buscando abandonar a

be directed in the contemporary world. For Öcalan, civil society “comprises the tool of democratic possibilities - that opens the door to developments hitherto impossible.” (Öcalan, 2007, p. 227) It is through the terrain of culture, including the media, Internet, education system and popular consciousness, which Öcalan hopes to lead the Kurdish people to their “promised land” of liberation in a manner that was impossible through the armed struggle.”

luta armada e o uso indiscriminado da violência, ele sempre buscou o que chamou de “solução democrática”, uma solução política para a questão curda, buscando minimizar as perdas humanas.

Explorando as possibilidades inauguradas pelo diálogo aberto pelo presidente Turgut Özal, Öcalan buscou demonstrar estar aberto à negociação: “Pessoalmente, eu escolhi limitar a guerra desde 1990”¹⁰ (ÖCALAN, 2012, p. 9, tradução nossa). Porém, a morte do presidente Özal, antes de qualquer acordo oficial pôs fim na época a qualquer possibilidade de negociação. Para Öcalan, o Estado Turco fez a opção pela manutenção de uma política de “negação e aniquilação” dos curdos:

Se o diálogo iniciado nos primeiros anos de 1990 pelo então Presidente Turgut Özal tivesse se desenvolvido a questão Curda estaria hoje em um estágio totalmente diferente. O Estado não deu ao seu próprio presidente a oportunidade de se engajar em um diálogo e negociações. A tradicional política de negação e aniquilação estava em total operação¹¹(ÖCALAN, 2012, p. 9, tradução nossa).

Abdullah Öcalan e o PKK, entretanto, mantiveram uma posição de abertura, declarando em 1993, um cessar fogo unilateral, mas enfrentaram uma onda de novos ataques por parte do Estado Turco. Segundo Cruz:

Todos os avanços ideológicos e organizacionais deste período aconteceram sob duros ataques do Estado Turco, que mesmo com o cessar fogo por parte do PKK, não retrocedeu em suas campanhas militares sobre Bakur. Para o governo Turco, a solução militar era sempre privilegiada em detrimento de uma solução política (2018. p. 29).

Ainda que, segundo Öcalan, “os anos de guerra entre 1994 e 1998 foram anos perdidos” (2008. p. 28), se tornou cada vez mais claro para ele que a questão curda não seria solucionada por meios violentos (ÖCALAN, 2012). O PKK buscou continuamente a paz:

Nós temos declarado, no entanto, vários cessar-fogo, temos retirado grandes quantidades de nossos guerrilheiros do território turco, refutando assim as acusações de terrorismo. Nossos esforços pela paz tem sido, contudo, sistematicamente ignorados ano após ano. Nossas iniciativas nunca encontraram resposta (ÖCALAN, 2008. p. 39).

Os esforços de Abdullah Öcalan em construir uma solução política para a questão curda foi paralisada no ano de 1998, com a sua saída da Síria, e posteriormente

¹⁰ “Personally, I chose to limit the warfare since the 1990s”.

¹¹ “If the dialogue initiated in the early 1990s by the then President Turgut Özal would have been further developed the Kurdish question would be at a totally different stage today. The state did not give its own president the opportunity to engage in dialogue and negotiations. The traditional policy of denial and annihilation was in total operation.”.

com o seu sequestro no Quênia (BAYIK, 2011). A prisão, entretanto, como vimos, possibilitou a Abdullah Öcalan, que por meio de seus escritos de prisão, apresentados como suas defesas nos julgamentos, tornasse publicas suas posições quanto à busca de uma solução pacífica. Ainda que ao longo dos seus escritos, como vimos, existam diferenças de posições quanto a concepções táticas e estratégicas, todas elas fazem referência a uma perspectiva em comum em relação ao Estado Turco, a de que uma solução democrática para a questão curda passe necessariamente pela transformação democrática da Turquia. Segundo Öcalan:

A solução que eu ofereço a sociedade turca é simples. Nós reivindicamos uma nação democrática. Nós não fazemos oposição a unidade do Estado e da República. Nós aceitamos a república, sua estrutura unitária e seu caráter laico. Nós cremos, entretanto, que esta república deve ser redefinida com o objetivo de formar um estado democrático, um estado que respeite os direitos dos diferentes povos e culturas existentes em seu território (ÖCALAN, 2008. p. 40).

Essa perspectiva, para Bar-on (2015), é significativa da construção de uma “metapolítica vocacional gramsciana”, em que há uma mudança estratégica em relação à guerra de movimento e o assalto frontal ao Estado. Uma posição de longa duração é aceita, com foco na sociedade civil, mobilizando os intelectuais a rejeitaram perspectivas políticas parlamentares e se lançarem a “conquista” dos corações e mentes da sociedade civil, que implica uma redefinição da própria noção de Estado, além de um sofisticado conceito de política, como a continuidade da guerra através de meios não violentos. Segundo o autor: “a fim de se distanciar das estratégias fascista ou Bolchevique de um ‘ataque frontal ao estado’, Öcalan defendeu a noção de Gramsci de uma ‘guerra de posição’, ou a centralidade de uma política de luta ideológica.¹²” (BAR-ON, 2015, p. 2, tradução nossa).

Se é possível então, compreendermos as posições estratégicas de Abdullah Öcalan a partir dos anos 90 por meio da Guerra de Posição, o esforço do Movimento de Libertação Curdo, passa pela construção e consolidação, como vimos, de uma nova hegemonia. Nesse sentido, é importante debatermos um ponto que aparece nos autores que citamos, quando estes realizam essa aproximação entre Öcalan e Gramsci: a relação entre hegemonia e contra-hegemonia. (BAR-ON, 2015; ÜSTÜNDAĞ, 2016; ÇIÇEK, 2020).

Nazan Üstündağ (2016), em um artigo em que busca discutir a autodefesa no processo revolucionário em Rojava, procura aproximar Gramsci e Öcalan em seus

¹² “in order to distance himself from fascist or Bolshevik strategies of a “frontal assault on the state,” Öcalan advanced Gramsci’s notion of a “war of position,” or the centrality of a politics of ideological struggle”.

escritos de prisão, a partir da noção de hegemonia e contra-hegemonia. Segundo ela, Abdullah Öcalan:

Em seus livros, que se destinam em parte a sua defesa pública, e no quais ele reconta a história do PKK e formula o esboço de uma revolução democrática, ecológica e feminista para o povo curdo e do Oriente Médio (ÖCALAN, 2009, 2012), **seu objetivo geral é desenvolver uma teoria contra-hegemonica gramsciana** e um vocabulário que poderia abranger o descontentamento histórico e o contemporâneo em toda a região logo após o colonialismo, a fundação dos Estados-nação e o aprofundamento do capitalismo (ÜSTÜNDAĞ, 2016, p. 131, nosso grifo).

De maneira similar, Meral Çiçek (2020), também aproxima Gramsci e Öcalan por essa noção, segundo a autora: “para Gramsci, a luta contra a hegemonia requer uma contra-hegemonia. Isso significa que para ser capaz de lutar de maneira eficaz contra o poder hegemônico do estado, a sociedade deve se organizar e lutar ao nível de uma contra-hegemonia¹³ (tradução nossa)”. Por fim, no artigo de Bar-on (2015), a mesma relação é mobilizada:

Uma leitura Gramsciana de “The Road Map” nos permite observar como as mudanças nas mentalidades na sociedade civil são prelúdios da mudança política revolucionária. Gramsci enfatizou o papel das ideias hegemônicas e contra-hegemônicas na sociedade civil ao invés de meramente o aparato repressivo do Estado na manutenção das democracias capitalistas liberais.¹⁴ (BAR-ON, 2015, p. 6-7, tradução nossa).

Como já vimos, o conceito de hegemonia em Gramsci tem uma característica de totalidade, buscando representar não só a coerção, mas também o consenso, com o objetivo de criar a legitimidade da própria dominação nos grupos dominados. “A hegemonia, é, assim, não apenas a direção política, mas também direção moral, cultural e ideológica, o que confere novos contornos ao fazer político”. (MARTINS, 2020, p. 33). Os autores acertam na comparação entre Gramsci e Öcalan no que tange a relação entre a produção do consenso e legitimidade da hegemonia, entretanto, os autores reproduzem um erro, que é aparentemente, muito comum na literatura sobre Gramsci em língua inglesa, mas também em língua portuguesa, e nesse sentido, precisamos deixar claro: Gramsci nunca usou o conceito de contra-hegemonia nos cadernos do cárcere. (DORE & SOUZA, 2018).

O conceito de contra-hegemonia foi criado pelo marxista Raymond Willians, e popularizada em suas obras *Base e Super Estrutura* (1973) e *Marxismo e Literatura*

¹³“for Gramsci, the struggle against hegemony requires a counter-hegemony. This means that in order to be able to fight effectively against the hegemonic power of the state, society must organize and fight at the level of a counter-hegemony.”.

¹⁴“A Gramscian reading of *The Road Map* allows us to see how changes in mentalities and civil society are preludes to revolutionary political change. Gramsci stressed the role of hegemonic and counter-hegemonic ideas in civil society rather than merely the repressive apparatus of the state in the maintenance of liberal, capitalist democracies.”.

(1979). Conceitualmente, a noção de contra-hegemonia é contraditória a própria noção de hegemonia, como Gramsci a compreende. Como vimos acima, a noção de hegemonia esta diretamente ligada a adoção da estratégia de guerra de posição, e essa análise para Gramsci, surgiu a partir do entendimento de que o Estado (Integral, ou seja, a união de sociedade civil e sociedade política), nas sociedades ocidentais¹⁵ se complexificou após a Primeira Guerra Mundial de tal forma, que não é possível adotar uma estratégia de confronto direto, como ocorre nas guerras de movimento (DORE & SOUZA, 2018)

Nesse sentido, uma estratégia de transformação social, deve buscar construir uma nova hegemonia, construir uma visão e noção de mundos alternativos, assim, todo movimento busca se tornar e consolidar a sua hegemonia. Compreender esse processo pela noção de contra-hegemonia, nos remete na verdade a adoção da guerra de movimento. Como bem sintetizam Dore e Souza:

hegemonia e contra-hegemonia se excluem mutuamente. Hegemonia diz respeito a uma nova configuração do Estado capitalista (sociedade política + sociedade civil) e a uma estratégia política da luta social, consubstanciada na fórmula da guerra de posição: conquistar espaços de força na sociedade civil por meio da organização da cultura e da política. Enquanto a luta pela hegemonia se configura em um contexto de desenvolvimento da sociedade civil, a ideia de contra-hegemonia remete ao contexto de guerra de movimento, ao Estado-força, em que predomina a sociedade política, a coerção (DORE & SOUZA, 2018, p. 257).

Exploradas as diferenças entre esses conceitos, podemos então dizer que, não é adequado, se pretendemos olhar com um prisma gramsciano a obra de Öcalan, como aqui nos propomos, utilizarmos o conceito de contra-hegemonia, como os autores que citamos utilizaram. Abdullah Öcalan e o Partido dos Trabalhadores do Curdistão estão, desde os anos de 1990, construindo uma nova hegemonia, que, justamente pelo entendimento da complexidade da luta política na Turquia, demonstrou os limites da continuidade da guerra popular e da guerra de movimento centrada em um confronto direto com o poder estatal.

A sua prisão em 1999, permitiu uma reorientação nesse sentido, onde a solução democrática passou a ser interpretada como a transformação democrática da sociedade civil turca, a ponto de alterar a própria estrutura da república, construindo uma “República Democrática”. O seu contínuo processo de “mudança de paradigma”, o fez avançar cada vez mais em relação a uma compreensão radical das noções de democracia direta, conformando em 2005, o novo paradigma oficial do Movimento de Libertação Curdo. Abdullah Öcalan lançou o documento *Declaração do Confederalismo*

¹⁵ Vale lembrar que as antinomias ocidental e oriental em Gramsci não são determinações geográficas, mas dizem respeito a configuração das relações de poder e consenso existentes entre sociedade civil e sociedade política.

Democrático no Curdistão (2005), onde expôs pela primeira vez as novas concepções estratégicas e conjuntamente fundou uma nova organização, a União das Comunidades Curdas (KCK), organização transnacional responsável por unir os curdos em uma estrutura confederal no Oriente Médio.

A partir de 2007, o KCK, através da atuação do PKK na Turquia, deu início ao processo de transformação democrática das regiões de maioria curda no sudeste do país, promovendo a criação de assembleias e conselhos municipais de autogoverno popular, como proposto pelo confederalismo democrático. Podemos, seguindo as discussões sobre as noções de hegemonia e guerra de posição colocada, compreender esse processo nessas categorias. As organizações filiadas ao KCK no oriente médio estão travando uma guerra de posição em seus respectivos estados-nações, sem deixar de se organizarem transnacionalmente por uma estrutura confederal.

Nesse sentido, Abdullah Öcalan, enquanto intelectual orgânico do Movimento de Libertação Curdo convocou toda nação curda, a construir uma hegemonia alternativa a ideologia hegemônica dos respectivos estados-nações do Oriente Médio, com o objetivo final de superar a própria hegemonia capitalista:

O Confederalismo Democrático se opõe ao imperialismo global e procura a democracia global dos povos. É um sistema em que todos os povos e toda a humanidade devem viver no século 21. Isso pavimentará o caminho para um Confederalismo Democrático global e uma nova era. Eu convoco a humanidade para criar um novo mundo sob a égide de um Confederalismo Democrático global (ÖCALAN, 2005, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproximar Gramsci e Öcalan, como vimos, é uma possibilidade real. Entretanto, devemos tomar cuidado na forma como realizamos essa aproximação. Como exposto durante esse artigo, existem inúmeros pontos de contato, que se iniciam com suas trajetórias de vidas: ambos dirigentes políticos fundamentais da história de seus partidos e mesmo de seus povos, ambos perseguidos e presos por suas ideias políticas, ambos condenados a uma vida de cárcere, ambos nos legaram contribuições teóricas incomparáveis. Entretanto, é também necessário manter o rigor quando fazermos essas comparações, e buscarmos compreender não apenas aquilo que podemos aproximar, mas também, as suas diferenças, as suas especificidades, aquilo que é particular de cada contribuição.

Nesse trabalho, iniciamos um debate que longe de se extinguir aqui, pode e deve ser ampliado, mobilizando corretamente as especificidades de cada autor. Foi possível olharmos para Öcalan a partir de um referencial gramsciano, o compreendendo como intelectual orgânico, e interpretando seu desenvolvimento em

relação a suas concepções estratégicas revolucionárias a partir de conceitos-chaves do pensamento de Gramsci, como Hegemonia e Guerra de Posição, percebemos também a má utilização na literatura trabalhada em torno da noção de “contra-hegemonia”, que como demonstramos, erroneamente é atribuída ao referencial gramsciano, o que produz uma distorção não apenas em relação a Gramsci, mas também nas leituras e aproximações ao pensamento de Öcalan. Assim, esperamos ter contribuído para realizar de maneira mais qualitativa as aproximações entre estes dois revolucionários, que tomados em conjunto, nos oferecem a arma da crítica necessária para os problemas das transformações sociais radicais para a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BAR-ON, Tamir. - *From Marxism and nationalism to radical democracy: Abdullah Öcalan's synthesis for the 21st century*, in *Challenging Capitalist Modernity II: Dissecting Capitalist Modernity—Building Democratic Confederation*. International Initiative Edition, Mezopotamya Publishing House, 2015.
- BAYÍK, Cemil. *Preliminary Notes*. In: ÖCALAN, Abdullah. *Prison Writings: Roots of Civilization*. Tradução de Klaus Happel. London: Pluto Press, 2007. p.13-21.
- CICCARELLI, Roberto. *Guerra de Posição*. Dicionário Gramsciano: (1926-1937). São Paulo, Boitempo, 2017.
- ÇIÇEK, Ali - *The Party of Kurdistan “Third Revolution”*. Disponível em <<https://komun-academy.com/2018/11/02/the-party-of-kurdistans-third-revolution/>>, acesso em Outubro, 2020.
- ÇIÇEK, Meral - *Gramsci, Öcalan and the Postmodern Prince*. Disponível em <<https://komun-academy.com/2020/04/30/gramsci-ocalan-and-the-postmodern-prince/>>, acesso em Outubro, 2020.
- CRUZ, C. N. *Confederalismo Democrático - A Proposta de Abdullah Öcalan*. 2018. Disponível em <https://www.academia.edu/43923114/Confederalismo_Democr%C3%A1tico_A_proposta_de_Abdullah_%C3%96calan>, acesso em Outubro de 2020.
- DORE, Rosemary; SOUZA, H.G. - *Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia*. Cad. Pesquis. São Luís, v. 25, n. 3, jul./set.2018.
- GRAEBER, David - *Öcalan as Thinker: On the Unity of Theory and Practice as Form of Writing*, in “*Building Free Life - Dialogues with Öcalan*”, PM Press, 2020.
- GRAMSCI, Antônio – *Poder, Política e Partido*. Edição: Emir Sader. Tradução: Eliana Aguiar, Expressão Popular, 2012.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. *Dicionário Gramsciano: (1926-1937)*. São Paulo, Boitempo, 2017.
- MARTINS, Helena. *Comunicações em tempo de crise*. São Paulo: Expressão Popular; Popular: Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.
- ÖCALAN, Abdullah. *Declaração do Confederalismo Democrático no Curdistão*. 2005. Disponível em <<https://bibliotecaanarquista.org/library/declaracao-do-confederalismo-democratico-no-curdista0>>. Acesso em Out. 2020

ÖCALAN, Abdullah. *Democratic Nation*. Disponível em <<https://theanarchistlibrary.org/library/abdullah-ocalan-democratic-nation>>, acesso em Outubro, 2020.

ÖCALAN, Abdullah. *Guerra e Paz no Curdistão*. London, Cologne: The International Initiative for the Freedom of Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan, 2008.

ÖCALAN, Abdullah. Öcalan: *I am withdrawing because I could not find an interlocutor*. Disponível em <<https://anfenglishmobile.com/features/ocalan-i-am-withdrawing-because-i-could-not-find-an-interlocutor-1176>>, acesso em Outubro, 2020.

ÖCALAN, Abdullah. *The Road Map to Democratization of Turkey and Solution to the Kurdish Question - Summary*. London, Cologne: The International Initiative for the Freedom of Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan, 2012.

SADER, Emir. *Introdução*. In: GRAMSCI, Antônio – Poder, Política e Partido. Edição: Emir Sader. Tradução: Eliana Aguiar, Expressão Popular, 2012.

ÜSTÜNDAĞ, Nazan. *A autodefesa como prática revolucionária em Rojava, ou como desfazer o Estado*. In: BIBLIOTECA TERRA LIVRE; COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA CURDA DE SÃO PAULO. Şoreşa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2016. cap. 2, p. 129-146.

